CAPÍTULO 1 - 436b 8 – 437a 19

436b 8 Sobre o sentido e o sentir — o que é e por que esta afecção ocorre nos animais — algo foi dito antes nas discussões *Sobre a Alma*.

436b 10 Todo animal, enquanto animal, tem necessariamente a potência sensitiva, pois é por ela que determinamos que algo é animal ou não animal.

436b 12 Tomando cada um deles por si, o tato e o paladar acompanham necessariamente todos os animais: o tato pela causa enunciada nas discussões *Sobre a Alma*, mas o paladar por causa do alimento: pois por ele o animal distingue o agradável (de bom sabor) e o desagradável (de mau sabor) com respeito ao alimento, a fim de evitar este e buscar aquele. E, em geral, o sabor é a afecção da parte nutritiva da alma.

436b 18 Mas os sentidos que atuam através do que é externo, como o olfato, a audição e a visão, existem nos animais que se deslocam. E existem em todos os que os têm por causa da saúde, a fim de que, pressentindo, busquem o alimento, mas evitem o que é mau e nocivo.

437a 1 E existem nos que têm prudência em vista do "bem" [viver bem]: pois anunciam muitas diferenças, das quais surge neles o discernimento do que pode ser contemplado e do que pode ser feito.

437a 3 Destes, a visão é melhor para o que é necessário e por si, mas a audição para o entender e por acidente.

437a 5 Pois a potência da visão anuncia muitas diferenças e de muitos gêneros, porque todos os corpos participam da cor. Por isso os objetos comuns também são mais bem percebidos por ela; chamo "comuns" a grandeza, a figura, o movimento e o número. Já a audição anuncia apenas diferenças de som e, a poucos, também as de voz.

437a 11 Mas, por acidente, a audição contribui com maior parte para a prudência. Pois o discurso, sendo audível, é causa de aprendizado, não em si, mas por acidente; pois consta de palavras, e cada uma das palavras é um símbolo. Por isso, dentre os privados de um dos dois sentidos desde o nascimento, os cegos são mais sábios que os surdos-mudos.

437a 18 A potência que cada sentido tem foi agora discutida.

Comentário

436b 8 Tendo apresentado um prólogo em que mostrou sua intenção, o Filósofo começa aqui a dar seguimento ao que propôs.

Primeiro, determina o que pertence à potência sensitiva externa. Segundo, determina certas coisas pertencentes ao conhecimento sensitivo interno, a saber, a memória e a reminiscência, onde diz *Sobre a memória e o lembrar* (449b 4), pois o tratado *Sobre a memória e a reminiscência* é parte do presente livro segundo os gregos.

Sobre o primeiro ponto, faz três coisas. Primeiro, retoma algumas coisas que foram ditas sobre a potência sensitiva no livro *Sobre a Alma* e que devem ser usadas como suposições, como se disse acima. Segundo, determina a verdade que pretende acerca das operações dos sentidos e dos sensíveis, onde diz *Atualmente alguns investigam* (cap. 2, 437a 19). Terceiro, resolve certas dificuldades acerca do que precede, onde diz *Mas alguém levantará uma objeção* (cap. 14, 445b 3).

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, enuncia o que foi dito sobre a potência sensitiva no livro *Sobre a Alma*. Segundo, retoma alguns desses pontos, onde diz *Todo animal, enquanto animal* (436b 10).

Diz, pois, primeiro, que no livro sobre a alma algo foi dito sobre o sentido e o sentir, isto é, sobre a potência sensitiva e seu ato. Duas coisas foram ditas a respeito deles, a saber, o que cada um é e a causa pela qual ocorrem nos animais. Chama o sentir de "afecção" (*passio*) porque a ação do sentido se dá num ser afetado (*paciendo*), como foi provado em *Sobre a Alma* II. [Nota: perto do fim de *Sobre a Alma* II mostrou o que é o sentido e por que os animais sentem, pelo fato de que os animais são capazes de receber as formas das coisas sensíveis sem a matéria.]

436b 10 Então, quando diz *Todo animal, enquanto animal*, retoma três coisas que foram ditas sobre o sentido no livro *Sobre a Alma*. A primeira diz respeito ao sentido em geral. A segunda diz respeito aos sentidos comuns a todos os animais; retoma-a onde diz *Tomando cada um deles por si* (436b 12). A terceira diz respeito aos outros sentidos, encontrados nos animais perfeitos; retoma-a onde diz *Mas os sentidos que atuam através do que é externo* (436b 18).

Diz, pois, primeiro, que todo animal, enquanto animal, tem necessariamente alguma potência sensitiva: pois a razão (*ratio*) de animal, pela qual se distingue do não animal, consiste em ser sensitivo.

+0+

A razão é esta. O animal atinge o grau mais baixo do conhecer, os quais superam as coisas desprovidas de conhecimento por poderem conter em si vários seres, mostrando-se assim sua potência mais aberta e extensiva a mais coisas. E, quanto mais universalmente o cognoscente apreende as coisas, tanto mais absoluta, imaterial e perfeita é a sua potência. Ora, a potência sensitiva que está nos animais é certamente aberta ao que está fora, mas só ao singular. Por isso possui também uma imaterialidade, enquanto receptiva das formas das coisas sensíveis sem matéria, mas possui a imaterialidade mais baixa na ordem dos cognoscentes, enquanto só pode receber essas formas num órgão corporal.

+0+

436b 12 Então, quando diz *Tomando cada um deles por si*, apresenta o que pertence aos sentidos que são comuns e necessários aos animais.

+0+

Sobre este ponto, deve-se considerar que os sentidos comuns e necessários a todo animal são os que apreendem o que é necessário ao animal. Ora, algo sensível é necessário ao animal de dois modos: de um modo, enquanto o animal é um corpo misto, composto dos quatro elementos, e assim lhe é necessário o devido equilíbrio do quente e do frio, do úmido e do seco e de outras diferenças semelhantes dos corpos mistos; e outra coisa lhe é necessária enquanto seu corpo é algo vivo capaz de ser nutrido, e assim lhe é necessário o alimento adequado. Pelos contrários destas coisas o animal é destruído. E, embora a primeira seja necessária a todo corpo misto, e a segunda também às plantas, o animal tem algo a mais do que estas: poder ter conhecimento do que lhe é necessário, pela razão já dita, segundo o grau de sua natureza. Assim, para que apreenda o que lhe é necessário ou nocivo segundo sua razão (*ratio*) de corpo misto, tem o sentido do tato, que apreende as diferenças acima mencionadas; e, para que apreenda o alimento adequado, lhe é necessário o sentido do paladar, pelo qual apreende o que tem bom e mau sabor, que são sinais de alimento adequado e inadequado.

+0+

Por isso diz que o tato e o paladar acompanham necessariamente todos os animais. Quanto ao tato, a causa foi dada no livro *Sobre a Alma*, a saber, que o tato é cognoscitivo das coisas de que o animal é composto. Mas o paladar é necessário ao animal por causa do alimento, porque pelo paladar o animal distingue o agradável e o desagradável, ou o de bom sabor e o de mau sabor, no alimento, a fim de buscar um deles como adequado e evitar o outro como nocivo. E o sabor como um todo é a afecção da parte nutritiva da alma, não porque seja o objeto da potência nutritiva, mas porque se ordena ao ato da potência nutritiva como a seu fim, como se disse.

Mas Alexandre diz, no comentário, que em alguns manuscritos gregos o texto diz: "o sabor é a afecção da parte gustativa da parte nutritiva da alma." [Nota.] Pois o sabor é apreendido pelo paladar, que se ordena à nutrição.

436b 18 Então, quando diz *Mas os sentidos que atuam através do que é externo*, trata dos sentidos que só existem nos animais perfeitos.

Primeiro, dá a causa geral de esses sentidos existirem em todos os animais desse tipo. Segundo, dá a causa especial de existirem nos mais perfeitos deles, onde diz *E existem nos que têm prudência* (437a 1).

+0+

Sobre o primeiro ponto, deve-se saber que se chamam "perfeitos" os animais em que não há apenas uma parte sensitiva sem movimento progressivo, como nas ostras, mas que têm, além disso, uma parte motora quanto ao movimento progressivo. E deve-se considerar que tais animais

superam os imperfeitos, isto é, os imóveis, como estes superam as plantas e os demais corpos mistos: pois as plantas e os corpos inanimados não têm nenhuma consciência do que lhes é necessário; os animais imóveis só têm conhecimento do necessário enquanto lhes é imediatamente apresentado; mas os animais de movimento progressivo recebem também conhecimento do necessário à distância, e assim se aproximam mais do conhecimento intelectual, que não se restringe ao aqui e agora.

E, assim como em todos os animais o paladar se ordena a conhecer o necessário pertencente à nutrição enquanto imediatamente apresentado, assim o olfato se ordena a conhecê-lo também à distância. Pois o odor e o sabor têm afinidade, como se dirá abaixo, [Nota] e, assim como pelo sabor se conhece a adequação do alimento ingerido, assim pelo odor se conhece a adequação do alimento à distância. Mas os outros dois sentidos, a visão e a audição, se ordenam a conhecer à distância tudo o que é necessário ou nocivo ao animal, seja em sua razão (*ratio*) de corpo misto, seja em sua razão de corpo vivo capaz de ser nutrido, pois é claro que, pela visão e pela audição, os animais evitam tudo o que é nocivo e buscam o que é salutar.

+0+

E assim diz que os sentidos que são atualizados por meios externos, como se disse em *Sobre a Alma* II, [Nota] a saber, o olfato, a audição e a visão, existem nos animais que avançam, isto é, que se movem com movimento progressivo, em todos eles por uma causa geral, a saber, por causa da saúde, isto é, para que conheçam o necessário à distância, assim como pelo paladar e pelo tato o conhecem quando presente. E acrescenta: a fim de que, pressentindo, isto é, sentindo à distância, busquem o alimento adequado e evitem tudo o que é mau e nocivo. Por exemplo, a ovelha foge do lobo como de algo nocivo, mas o lobo persegue a ovelha vista, ouvida ou cheirada como alimento adequado.

437a 1 Então, quando diz *E existem nos que têm prudência*, dá outra causa, específica, pela qual esses sentidos existem em alguns animais mais perfeitos.

Primeiro, apresenta essa causa. Segundo, compara os sentidos com referência às causas mencionadas, onde diz *Destes, a visão é melhor* (437a 3).

+0+

Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que a prudência é diretiva no que se deve fazer. A prudência universal é diretiva com respeito a qualquer coisa a ser feita, e por isso não existe em nenhum dos animais, exceto nos seres humanos, que têm razão, capaz de conhecer os universais. Mas há certas prudências particulares em outros animais para certos atos predeterminados, por exemplo na formiga, que no verão reúne o alimento de que vive no inverno.

Ora, os sentidos acima mencionados, mas especialmente a audição e a visão, são vantajosos aos animais para prudências particulares desse tipo, e aos seres humanos para a prudência universal, a fim de que algo se faça bem. Mas o olfato parece estar totalmente a serviço da necessidade de nutrição, e de modo nenhum da prudência, e por isso este sentido é extremamente fraco em todos os que têm prudência perfeita, como se diz no livro *Sobre a Alma*. [Nota]

Mostra como os sentidos acima mencionados servem à prudência pelo fato de que revelam muitas diferenças entre as coisas, a partir das quais o ser humano passa a discernir o que pode ser contemplado e o que pode ser feito. Pois pelos efeitos sensíveis o ser humano é elevado à consideração do que é inteligível e universal; e também pelo que é sensível, isto é, pelo que ouviu e viu, é instruído sobre o que deve ser feito. Os outros animais não participam de nenhuma contemplação, embora participem da ação de modo particular, como se diz na *Ética* X. [Nota]

Esses dois sentidos anunciam muitas diferenças porque seus objetos se encontram nos corpos como consequências do que é comum a todos os corpos, tanto inferiores quanto superiores. Pois a cor é consequência da luz e do transparente (*dyaphanum*), que os corpos inferiores têm em comum com o corpo celeste; e o som é consequência do movimento local, que também se encontra em ambos os tipos de corpo. Mas o odor é consequência apenas dos corpos mistos de que o animal naturalmente se nutre.

437a 3 Então, quando diz *Mas destes, a visão é melhor*, compara a visão e a audição com referência às causas acima mencionadas.

Primeiro, apresenta a comparação. Segundo, prova-a, onde diz *Pois a potência da visão* (437a 5).

Sobre o primeiro ponto, diz que a visão supera a audição de dois modos. De um modo, quanto ao que é necessário, por exemplo na busca do alimento e na evitação do nocivo, coisas que são apreendidas com mais certeza pela visão, que é alterada pelas próprias coisas, do que pela audição, que é alterada pelos sons, que são consequências dos movimentos de algumas coisas. De outro modo, a visão é também por si superior à audição, porque é mais capaz de conhecer, e de conhecer mais coisas, do que a audição. Mas a audição supera a visão enquanto serve ao entender, embora isso seja por acidente, como se mostrará abaixo.

437a 5 Então esclarece o que disse, onde diz *Pois a potência da visão anuncia*.

Primeiro, que a visão é por si melhor. Segundo, que a audição é melhor por acidente, onde diz *Mas por acidente a audição contribui* (437a 11).

Diz, pois, primeiro, que a visão é por si melhor porque a potência da visão, por sua apreensão, nos anuncia muitas diferenças entre as coisas e entre os vários gêneros de coisas. Isso porque seu objeto, que é o visível, se encontra em todos os corpos: pois uma coisa se torna visível pelo fato de o transparente ser iluminado em ato por um corpo luminoso, e os corpos inferiores têm isso em comum com os superiores. E assim diz que todos os corpos participam da cor, tanto os superiores quanto os inferiores, porque em todos os corpos ou há a própria cor em sua razão (*ratio*) própria, no caso dos corpos em que há um transparente delimitado; ou há pelo menos os princípios da cor, que são o transparente e a luz. E assim mais coisas são manifestadas pela visão do que pela audição.

Também os sensíveis comuns são mais bem conhecidos por este sentido, pois, na medida em que a visão tem uma potência de conhecer mais universal e extensiva a mais coisas, ela é mais eficaz em conhecer, porque quanto mais universal é uma potência, mais poderosa ela é. E chamam-se "comuns" os sensíveis que não são conhecidos por um só sentido, como os sensíveis próprios, mas por vários, por exemplo a grandeza, a figura, o movimento e o número. Pois as qualidades que são

os objetos próprios dos sentidos são formas num contínuo, e assim o próprio contínuo, enquanto sujeito dessas qualidades, deve mover a potência sensitiva não por acidente, mas como sujeito *per se* e comum de todas as qualidades sensíveis. E todos os chamados sensíveis comuns pertencem de algum modo ao contínuo: seja quanto à sua medida, no caso da grandeza; seja quanto à sua divisão, no caso do número; seja quanto à sua limitação, no caso da figura; seja quanto à distância e à proximidade, no caso do movimento.

Mas a audição nos anuncia apenas diferenças entre sons, que não se encontram em todos os corpos e não exprimem as muitas diversidades das coisas. Mas a poucos animais a audição mostra também diferenças de voz. A voz é o som emitido com uma imaginação pela boca de um animal, como se diz em *Sobre a Alma* II, [Nota] e assim a voz de um animal, enquanto tal, indica naturalmente a afecção interior (*passio*) do animal, como o latido dos cães indica sua ira. Assim os animais mais perfeitos conhecem uns dos outros as afecções interiores pelas vozes, conhecimento que não existe nos animais imperfeitos.

Portanto, a audição por si conhece apenas diferenças entre sons, como agudo e grave e assim por diante, ou diferenças entre vozes enquanto indicativas de várias afecções. E assim o conhecimento da audição não se estende por si a tantas diferenças entre as coisas quanto o da visão.

437a 11 Então, quando diz *Mas por acidente a audição contribui*, mostra que a audição é, por acidente, melhor para o entender.

Diz que a audição contribui muito para a prudência. Aqui "prudência" é tomada como qualquer conhecimento intelectual, e não apenas "a reta razão do agível", como é descrita na *Ética* VI. [Nota] Mas isso é por acidente, porque o discurso, que é audível, é causa de aprendizado não por si, isto é, não pelas próprias diferenças entre sons, mas por acidente, isto é, enquanto as palavras de que se compõe o discurso (*sermo*), isto é, a fala (*locutio*), são símbolos, isto é, sinais, das intenções (*intentiones*) entendidas e, por conseguinte, das coisas. Assim, o mestre ensina o discípulo enquanto, pelo discurso, significa ao discípulo o que seu intelecto concebe. E o ser humano pode conhecer mais aprendendo de outro, para o que a audição é útil, embora por acidente, do que descobrindo por si mesmo, para o que a visão é especialmente útil.

Daí que, dentre os privados desde o nascimento de um dos dois sentidos, isto é, a visão ou a audição, os cegos, que carecem da visão, são mais sábios que os surdos-mudos, que carecem da audição. Acrescenta "mudos" porque todo surdo de nascença é necessariamente mudo, pois não pode aprender a formar as palavras significativas que significam por convenção, e assim se relaciona com a fala de toda a espécie humana como quem nunca ouviu determinada língua se relaciona com essa língua. Mas não é necessário, inversamente, que todo mudo seja surdo, pois pode acontecer que alguém seja mudo por outra causa, por exemplo, por obstrução da língua.

437a 18 Por fim, acrescentando um epílogo, conclui que foi discutida a potência que cada sentido tem.

Revision #2
Created 5 October 2026 23:35:12 by Admin
Updated 7 October 2026 00:08:00 by Admin